

2 \* JUN 1994

# Uma noite sem leitura

LUCIANO BARREIRA

Educação  
JORNAL DE BRASÍLIA

O período após a derrota do fascismo e de redemocratização foi fértil na busca do conhecimento e de cultura. Naquele tempo, que se distancia por meio século, a juventude revelava grande sede de conhecimentos. Isso na segunda metade da década de 40. Depois veio o macartismo e a guerra fria, patrocinando censura e outras aberrações que inibiam a atividade cultural, particularmente entre os grupos antagônicos — capitalismo e socialismo — com grandes prejuízos para a universalização do conhecimento.

A paixão e o sectarismo, tanto do lado capitalista como do socialismo, passaram a ser dominantes. De um lado, o macartismo e do outro o stalinismo, à sombra do qual, desvirtuando-se o sonho de uma sociedade justa e humana, instalou-se policialismo o mais cruel, mascarado pela falácia da defesa do socialismo em construção.

No Brasil, face ao atrelamento aos Estados Unidos desencandeou-se desde o governo Dutra, anticomunismo que se voltava não só contra os comunistas como contra todos os democratas. Isso comprometeu o ensino desde a base primária até a criação cultural.

A escola, que nunca fora boa, pois jamais correspondeu aos interesses da maioria da sociedade, tornou-se pior. O ensino visava somente fazer “alfabetizados” para votar num sistema eleitoral viciado. Quem aprendia a “ferrar” o nome, passava a ser estatisticamente alfabetizado. Após o golpe de 1964, o ensino se deteriorou totalmente quando dominou a “filosofia” de que estudante é para estudar e não para pensar...

Temos uma escola onde, o que se ensina, pouco tem a ver com a realidade que a circunda, não assegurando ao “educando” nem mesmo um modesto emprego. Além de ruim, a escola é perversamente seletiva. Basta que se diga que dos alunos matriculados no primeiro ano do 1º Grau, 20% terminam a 8ª série.

O resultado é ver-se gente “vomitando” sandices, numa ignorância que chega aos limites do folclore.

Faz algum tempo, num ônibus, ouvi um jovem, com cara de estudante, afirmar que o Rio São Francisco estava ameaçado de ser destruído por um terremoto que ia acontecer na Califórnia...

Conta-se no meu Ceará a piada do bacharelado que, indagado pelo professor o que ele entendia por romantismo, respondeu que de “rum” só entendia do “Montila”. Outro afirmou que Acrópole tinha sido a loba que amamentou Romeu e Julieta... Um terceiro garantiu que Iracema — a heroína de José de Alencar — era prima legítima de Dom José Tupinambá da Frota, respeitado bispo de Sobral.

Na minha geração, felizmente, os “burros” eram minoria. A juventude participava dos “centros culturais” que marcaram época. Lia-se Shakespeare, Vitor Hugo, Balzac, Flaubert, Goethe, Dostoiévsk, Gogo e Gorky, sem se falar em Hemingway, Staibek, Poe, Jack London e outros da constelação universal.

Tem que se fazer renascer o hábito da leitura, mesmo com a crise que faz do livro artigo proibido até para a classe média. Não se pode continuar vendo o futuro através das lentes embaraçadas do obscurantismo. Precisamos de uma luz que ilumine a noite em que mergulhou a cultura brasileira.

■ Luciano Barreira é jornalista e escritor